

NAVALHA NA CARNE<sup>1</sup>  
ESTÉTICAS DE RESISTÊNCIA: TUMULTUAM, SUBVERTEM  
E AINDA FAZEM GÊNERO

Coutinho, Fernanda R.; Estudante do Programa de Doutorado PPGDesign – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, PUC – Rio. [fernandarcout@hotmail.com](mailto:fernandarcout@hotmail.com) Portinari, Denise B. PhD; PPGDesign – Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro, PUC – Rio. [denisep@puc-rio.br](mailto:denisep@puc-rio.br)

KNIFE IN THE FLESH<sup>2</sup>  
AESTHETIC OF RESISTANCE: DISTURBING, SUBVERTING, AND  
RE-DEFINING GENDER

### Resumo

Este trabalho discute as propostas de transformação física, no âmbito das atuais manifestações da cultura do corpo. Isto é, problematiza se a body modification, enquanto uma das manifestações possíveis do *street style*, pode ser vista como resistência às regras relativas ao corpo, manifestas nas modas hegemônicas oficiais, cujo preceito regulador é o rígido enquadramento do corpo na categoria masculina ou feminina.

**Palavras-chave:** *body modification*, corpo, moda, masculino/feminino e resistência.

### Abstract

This paper aims to present a discussion on the proposed physical transformation under the culture of the body. Therefore, the research intends to question if the trend of body modification, as expression of street style, can be understood or envisioned as a kind of resistance to the rules and precepts relating to the body, which is expressed and manifested in the official hegemonic trends in the rigid framework of defining the gender expression in males and females.

**Keywords:** body modification; body, trendy, male/female and resistance.

---

<sup>1</sup> Navalha na carne foi empregada para fazer uma analogia à body modification enquanto submissão voluntária a procedimentos (que englobam desde o emprego de produtos químicos até a execução de intervenções cirúrgicas) por vezes irreversíveis, com o intuito de promover modificações na estética corporal dos sujeitos através de técnicas, como tatuagens, escarificação, brandings, piercings, bifurcação, implantes etc.

<sup>2</sup> The knife in the flesh was used to make an analogy to the body modification as a voluntary submission to procedures (which range from the use of chemicals to the execution of surgical interventions), that is sometimes irreversible, in order to promote changes in the body of the individuals through techniques, such as tattoos, scarification, brandings, piercings, bifurcation, implants etc.

Primeiramente, será preciso esclarecer que o presente trabalho faz parte de um projeto inserido no programa de Pós-graduação em Design<sup>3</sup>, cuja proposta é estudar a atividade de planejar, projetar, (re) desenhar, desenvolver, conceber e executar as transformações no físico, no domínio das atuais dimensões e potencialidades estéticas manifestas na cultura do corpo e intermediadas pela moda *body modification* como mais um movimento de moda de rua<sup>4</sup> não organizado ou estruturado, que surge nas das grandes cidades.

A partir de agora, cabe igualmente explicitar alguns conceitos com os quais estamos lidando para uma clara compreensão da nossa proposta de trabalho. No que concerne à emergência da estética como categoria de análise, podemos dizer que ela se refere a algo da ordem do sensível, enquanto um discurso sobre o corpo, tal qual aparece, conforme assinala Eagleton (1993:17), na visão do filósofo alemão Alexander Baumgarten ao declarar que o termo alude, primeiramente, à palavra grega *aisthesis*, que significa a região das percepções e sensações humanas. Mais especificamente, como:

a totalidade da nossa vida sensível – o movimento de nossos afetos e aversões, de como o mundo atinge o corpo em suas superfícies sensoriais, tudo aquilo enfim que se enraíza no olhar e nas vísceras e tudo o que emerge de nossa mais banal inserção biológica no mundo.

No que diz respeito à tradução da moda sob o ímpeto do ciclo efêmero da sazonalidade dos estilos, devemos assinalar que ela não pode ser vista como algo exclusivo e restrito ao domínio da indumentária. Muitos outros elementos da sociedade como a arquitetura, a decoração, a literatura, as artes plásticas, as regras de etiqueta, os modos gestuais e ritualísticos (a forma de caminhar, sentar, ouvir música), as próprias ideias etc. também retratam essas velozes demandas oscilatória que se configuram sob a ótica dos chamados modismos. Contudo, estamos privilegiando aqui as práticas de intervenção/transformação do corpo para nos referimos à lógica inconstante da moda porque elas podem ser vistas como uma referência privilegiada de tal problemática, na medida em que são igualmente vislumbradas, assim como a história da roupa tal qual sugere Lipovetsky (1991, orig.

---

<sup>3</sup> PPGDesign, doutorado, da PUC – Rio, sob a orientação do prof. Dr. Denise Berruezo Portinari, cujos estudos envolvem estética e imagem corporal.

<sup>4</sup> Para uma análise dos movimentos urbanos no domínio das modas de rua, ver, por exemplo, Phollemus 1995, onde o autor analisa as tendências de moda e comportamento sob a ótica do *street style*

1989), enquanto uma das representações mais puras da organização desse princípio do “efêmero.”

Já com relação ao emprego do termo movimento não organizado ou estruturado ou uma movimentação (talvez inconsciente), queremos enfatizar que não se trata de uma série de atividades ou exercícios (legitimados ou não) por meio da qual os sujeitos trabalham em conjunto para alcançar determinados fins ou conquistas. No nosso ponto de vista, existe uma certa agitação, algo que não sabemos ainda identificar, que mexe com os ânimos dos sujeitos no sentido de os inspirar a perturbar, alterar, turbar as ordem das coisas, embora suas ações não sejam deliberadamente sob a forma de uma consciência coletiva<sup>5</sup> manifesta como sentimentos em prol de uma dada causa. Trata-se de uma movimentação, onde os sujeitos se mexem na direção de determinados caminhos, a partir de impressões confusas, subjetivas e passageiras. Não havendo, portanto, uma clareza em seus objetivos.

Como ponto de partida para a presente discussão, adotamos o pressuposto de que as propostas de transformação física no âmbito da cultura do corpo, que ganham forma de expressão nas múltiplas formas de movimento urbano que se materializam nas modas que povoam as cenas de rua, e que foram abordadas nesse trabalho através da moda *body modification*, se tratam de “maneiras como os homens, sociedade por sociedade, e de maneira tradicional ou não, sabem servir-se de seus corpos<sup>6</sup>” (Mauss, 1974:112).

A consequência dessa nossa visão é que ela acaba indiretamente por fazer uma crítica à ideologia que segundo Barthes (2001) norteia a nossa sociedade e cujo teor seria a transformação da cultura em pseudo natureza, muito embora,

---

<sup>5</sup> Quando empregamos o termo durkheimiano consciência coletiva queremos, na verdade, falar em uma consciência de grupo, cujas ações são ancoradas em noções claras, estruturadas e bem formuladas sobre determinado assunto. Portanto, não se refere a consciência coletiva enquanto um conjunto de crenças, tendências, práticas de um grupo tomadas em sua coletividade, tal qual estabelece Durkheim (1987) ao definir o que é fato social.

<sup>6</sup> Marcel Mauss (1974, orig. 1934) afirma explicitamente, em seu artigo intitulado as práticas corporais, que o corpo é o *primeiro e mais natural* (grifo nosso) instrumento do homem. Por meio de vários exemplos enumerados, o autor vai nos mostrando que o corpo é construído socialmente através daquilo que ele estabelece com sendo um conjunto de técnicas corporais, que são definidas e colocadas em práticas de acordo com as caracterizações particularizadas de cada sociedade, ao longo de sua história, em função das variáveis sexo e idade. E que, em última instância, aparece para o outro como idiosincrasias que são ao mesmo tempo de raça, de mentalidade individual e de mentalidade coletiva. Mais incisivamente, declara “que tais técnicas são atos montados no indivíduo e não por ele mesmo, mas por toda a sociedade da qual faz parte, no lugar que nela ocupa através de um sistema de montagens simbólicas” transmitido por meio da educação, treinamento e imitação que aparece sob a ótica do modo de vida, modus, tónus, matéria, maneiras e jeito, cujo objetivo final consiste em fazer adaptar o corpo ao seu emprego.

fazemos questão de salientar, que não nos deteremos aqui em nenhum pensador especificamente. Ou seja, nossa crítica recai sobre aqueles pensadores que além de reafirmarem o poder instaurado no discurso dominante que circula na linguagem da moda, ao atuarem como patrulhadores moralistas – dentro de algo que mais se aproxima a uma *doxa* – cuja missão é denunciar os aparatos culturais de modelagem aprisionantes e torturadores da moda que constroem e impelem os sujeitos para dentro de uma modalidade rígida que os impõe a necessidade de corresponder a determinados padrões em voga, não reconhecem (por uma questão de miopia talvez?) que está intrínseca a composição do nosso físico ser algo eminentemente construído, esculpido, trabalhado, turbinado, produzido ou manufaturado e “essa manufatura não é contingente, posterior, eventual, e sim constitutiva do sujeito e de seu corpo” (Portinari, 2002: 42).

Chamamos a atenção para o fato de que a moda *body modification* enquanto um movimento fluido de moda urbana pode ser entendida, nesse trabalho, como mais uma possível proposta de transformação no físico, dentre tantas outras. Isto é, como uma das formas que a cultura do corpo toma forma na contemporaneidade. Mais explicitamente, estamos a entendendo, se preferirem, como uma movimentação periférica presentes na cultura do corpo, que se propaga mundialmente, a partir dos anos de 1990. Dito de outra forma, como mais uma das modas de rua que emerge nas metrópoles, enquanto novas possibilidades que a cultura do corpo ganha forma no mundo atual.

Com efeito, pode-se dizer, de antemão, que se trata, nos domínios da cultura do corpo, de um conjunto esquematizado e organizado de transformações irreversíveis ou não, e também no sentido tecnológico, que os sujeitos utilizam por escolha própria, para conceberem/desenvolverem uma modificação estética planejada e projetada, embora nem sempre o resultado final do processo seja alcançado em primeira instância”, podendo levar anos a fio para ser alcançado (Osório, 2006: 4). Em relação à versão mais extremada considerada, de acordo com o site *bmzine.com*<sup>7</sup>, pelos seus adeptos como mais radicais, estas incluem tatuagens extensas e do globo ocular, branding, escarificação, lixamento do dentes, *piercings*

---

<sup>7</sup> O site, criado em 1994, não somente é visto como uma *das mais* conceituadas comunidades virtuais de propagação e difusão da moda da *body modification*, como é considerado o local mais completo de modificações corporais. Reúne fotos, vídeos, entrevistas, depoimentos, novidades, enciclopédia, chats, endereços de lojas, de estúdios, de clínicas e ainda oferece o serviço de vendas *online*. O endereço para acesso é <http://www.bme.com/>.

removíveis (alargadores de orelha, narinas, lábios e queixo), *piercings* permanentes (*pocketing*, *corset* – costas, costelas e garganta – e genital) implantes (extraocular, transdermal, subcutâneo ou 3D-Art e *beading* genital), bifurcação (língua, testículos e pênis) e amputações voluntárias/nulificação (castração e anulação feminina).

Nesse sentido, cabe explicitarmos que entendemos cultura nos moldes propostos por Foucault (2011, 3a ed., 2a tiragem:162). Ou seja:

... uma organização hierárquica de valores, acessível a todos, mas que solicita aos indivíduos condutas regradas, dispendiosas, sacrificais que polarizam toda a vida; e enfim que essa organização do campo de valores e o acesso a esses valores só se possam fazer através de técnicas regradas, refletidas e de um conjunto de elementos que constituem um saber.

A partir dessas considerações, afirmamos, de maneira clara e objetiva, que pretendemos problematizar se efetivamente a *body moffication*, na sua condição de vetor de transformação do físico, no âmbito das novas dimensões e potencialidades estéticas que o corpo pode alcançar no universo contemporâneo da cultura do corpo expressas na moda de rua, pode ser entendida com um movimento ou uma movimentação (talvez inconsciente) onde os sujeitos, enquanto adeptos, procuram problematizar as questões pertinentes ao corpo e à moda. Mais especificamente, queremos investigar se efetivamente a moda *body modification* pode ser entendida ou vislumbrada como uma espécie de resistência às regras e preceitos relativos ao corpo, que se expressa e manifesta nas modas hegemônicas oficiais, e cujo preceito regulador, digamos assim, é o rígido enquadramento do corpo na categoria masculina ou feminina. Ou seja, nosso objetivo é averiguar se, na moda *body modification*, essa oposição binária entre os sexos aparece de forma esvaziada, na medida em que não somente ela cria, a partir de figuras enigmáticas, uma nova caracterização do corpo onde a distinção masculino X feminino torna-se irrelevante, como também suas praticas preveem a castração/nulificação. Isso porque:

... ao criarem novas formas, texturas e cores, ao alterarem, dividirem e amputarem membros e partes do corpo, ao acrescentarem e introduzirem elementos novos, feitos de materiais distintos, fazem com que o corpo, antes conhecido, reconhecido, semelhantes e esperado, torne-se diverso e surpreendente (Pires, 2005:23).

Portanto, essa nossa proposta de estudar as transformações estéticas no âmbito da cultura do corpo pelo viés da moda *body modification* como movimento ou movimentação essencialmente urbana – dada a sua fluidez digamos assim –

---

pode ser explicada como uma inquietação intelectual nossa, que visa investigar se existe, efetivamente e concretamente falando, elementos que possibilitem promover transformações no interior da moda, identificando quais são essas possibilidades, chamadas aqui de linhas de fuga, que internamente operam tais alterações. Mais precisamente, o que pretendemos, nesse trabalho, é identificar quais são os momentos particulares de resistência, autonomia e liberdade – “heterotopias” – dos sujeitos diante do autoritarismo opressor da moda, que constrange seus corpos para dentro de modalidades rígidas. Isto porque, parafraseando Barthes (2007) quando se refere ao francês, a moda, assim como algumas línguas, obriga os sujeitos a escolherem, sempre entre o masculino e o feminino, ao mesmo tempo que os proíbe de fazer a opção pelo neutro e complexo. Desse modo, a ambição do estudo a que nos estamos propondo fazer é não somente investigar os movimentos que promovem mudanças no interior da linguagem da moda que regula a aparência estética de homens e de mulheres, como identificar quais são esses possíveis elementos de transgressão ou dispositivos de resistências, para usar terminologia foucaultiana, manifestos na/e pela moda. Pretendemos com isso inserir a cultura do corpo no domínio da linguagem da moda enquanto um objeto usado pelos dispositivos de poder – tanto em seu aspecto visível quanto no invisível, para regular/constranger a aparência dos sujeitos, a fim de tornar seus corpos dóceis (Foucault, 1979).

Nas abordagens sociológicas sobre a moda, suas linguagens e discursos, pensadores como Freyre (1987), Barthes (1988, orig. 1957) e Lipovetsky (1991, orig. 1989) postulam que o sexo e o corpo são elementos essenciais no discurso de moda. O primeiro deles, por exemplo, não vê a possibilidade de construir uma masculinidade mais fluida através do recurso, por parte de alguns homens, aos caprichos dos modismos outrora considerados exclusivos do sexo feminino, uma transgressão à caracterização do aspecto viril que delinea a identidade do homem em nossa sociedade. Para ele, tal atitude corresponde apenas a uma reorganização nas disposição entre os gêneros. Mais especificamente, a uma ética concernente à representação dos papéis sexuais menos rígida em consequência das mudanças provenientes, segundo o autor, do processo modernização do Brasil, tal qual aparece no trecho aqui destacado:

Invenções ocorrem. Mas muito afetadas pelo que pode ser apresentado como condicionamentos, em consequências de modificações ou de modernizações gerais de ritmos de vida e de novas relações gerais entre seres humanos, conforme sexo, gerações, condições socioeconômicas. Modificações e modernizações técnicas, econômicas sociais que vêm exigindo vestidos, sapatos, penteados, adornos de mulher e de homem adaptados a essas novas condições gerais. Que vêm exigindo e que continuam a exigir. Daí os criadores de modas, as modistas, os figurinistas, em vez de inventores, serem artistas que precisam adotar ou apresentar estilos de diferentes artigos ou objetos de uso feminino ou masculino, considerando condicionamentos das espécies aqui sugerida. Atendendo a tais condicionamentos. Sendo criativos dentro desses condicionamentos (Freyre, 1987:23).

É lícito afirmar que os discursos que anunciam e proclamam uma possível androgenia na aparência física dos sexos estão limitados às “chamadas”<sup>8</sup> das revistas/jornais de moda, e, portanto, não se sustentam a uma análise mais cuidadosa. Essa observação ganha força quando se percebe que nunca deixou de haver uma demarcação nítida de fronteiras sobre o que a moda outorga/define/estabelece ser uma moda apropriada para o sexo masculino e outra que se manifesta como uma característica do domínio feminino. Nesse sentido, constata-se explicitamente que ainda hoje continua prevalecendo como um tabu para o homem se apropriar de certas insígnias que permanecem e aparecem enquanto uma propriedade exclusiva das mulheres, como por exemplo, a adoção generalizada da saia. As declarações abaixo, dos três pensadores mencionados anteriormente, apresentam um ponto de vista consensual sobre esse interdito, tal qual se pode observar:

Barthes (1988, orig. 1957: 285), declara, por exemplo, que a moda não somente reconhece, como trabalha continuamente a oposição binária entre o que é socialmente estabelecido e, por conseguinte, caracterizado como sendo da ordem do feminino e do masculino. Aponta também para a existência de uma liberdade consentida e institucionalizada que permite a inserção, na indumentária feminina, de elementos provenientes do vestuário masculino com diferenciais sempre situados ao nível do pormenor, enfatizando entretanto que:

... o vestuário feminino pode absorver quase todo o vestuário masculino, que se limita a “rejeitar” certos traços do vestuário feminino (um homem não pode usar saia, embora a mulher possa usar calças); é que o tabu do outro sexo não tem a mesma força num e noutro caso: há uma proibição social sobre a feminilização do homem que quase não existe sobre a masculinização da mulher...

---

<sup>8</sup> Rabaça e Barbosa, (1987) definem, em jornalismo, chamada como um título e/ou resumo de uma matéria, publicada geralmente na primeira página de jornal ou na capa da revista, com o objetivo de atrair o leitor e remetê-lo para a matéria completa, apresentada nas páginas internas.

Na mesma linha de raciocínio, encontram-se os comentários de Freyre (1987, orig. 1986: 19 e 20) ao assinalar, em uma coletânea de textos, as marcas mais frequentes que delineiam e designam o masculino e o feminino à moda brasileira<sup>9</sup>, digamos assim. E nesse percurso, o autor mostra que as maneiras de vestir-se, adornar-se, pentear-se, calçar-se invariavelmente funcionam como elementos de diferenciação sexual que se sobrepõem a qualquer tendência, segundo as palavras do próprio autor, simplificadora, uniformizante ou unissexualizante que possa aparecer em voga por algum tempo. É exatamente nesse sentido que faz a seguinte afirmação :

É certo que umas poucas mulheres e outros tantos homens têm respondido a desafios de consensos coletivos, quanto a modas, vestindo-se, penteando-se, calçando-se, adornando-se conforme seus gostos pessoais ou individuais, alguns deles logo acusados de serem antes masculinos – no caso das mulheres – que femininos e vice-versa. Pois um dos característicos das modas de mulher é representarem a feminilidade, embora, por vezes, com interpretações diferentes do que seja feminino em oposição ao masculino. E, é claro, vice-versa.

Lipovetsky (1991, orig. 1989: 132 e133) atribui à moda, apesar de reconhecer seu caráter hierárquico, uma dimensão libertária, uma vez que a enxerga como um signo das transformações que anunciam o surgimento das sociedades democráticas. Tem consciência, entretanto, que esse aspecto libertador não anula, a longo prazo, as diferenças nas modas masculinas e femininas. Isso porque, segundo ele, a homogeneização da aparência de homens e mulheres só pode ser observada em sua superficialidade, pois ao mesmo tempo em que a moda produz signos diferenciais, por vezes menores, mas não inessenciais se encarrega de perpetuar a diferenciação ostensiva entre os sexos. Sendo assim, afirma:

Na nova constelação da aparência dos sexos, mulheres e homens não ocupam uma posição equivalente; uma dissimetria estrutural organiza continuamente o mundo da moda. Se as mulheres podem permitir-se usar quase tudo, incorporar a seu guarda-roupa peças de origem masculina, os homens, em compensação, são submetidos a uma codificação implacável, fundada na exclusão redibitória dos sistemas femininos. O fato maior está aí, os homens não podem usar em nenhum caso vestidos, saias, assim como não podem maquiar-se. Por trás da liberalização dos costumes e da desestandardização dos papéis, um interdito intocável continua sempre a organizar, no plano mais profundo, o sistema das aparências, como uma forma de interiorização subjetiva e de imposição social que tem pouco equivalente em outras partes: vestido e maquiagem são apanágio do

---

<sup>9</sup> Devemos deixar claro de parto do principio de que não exista nenhum tipo de análise categórica, cuja abrangência seja capaz de apresentar/representar o vasto espectro das particularidades humanas sob a forma de uma ubiquidade totalitária. Entretanto, emprego o termo “à moda brasileira” como uma forma de expressar que, invariavelmente todas, ênfase aí o todas, as expressões de moda, sejam elas mais ou menos liberais (que surgiram ou ainda estejam por surgir em qualquer região do nosso país, e porque não dizer do próprio Ocidente) estão fadadas a se enquadrarem na gramática dos sexos que define o masculino em oposição ao feminino.



feminino, são rigorosamente proscritos aos homens. Prova de que a moda não é esse sistema de comutação generalizada onde tudo se troca na indeterminação dos códigos, onde todos os signos são livres para comutar, para permutar sem limites. A moda não elimina todos os conteúdos referenciais, não faz flutuar as referências na equivalência e na comutabilidade total: a antinomia do masculino e do feminino aí está em vigor como uma oposição estrutural estrita, onde os termos são tudo salvo substituíveis. O tabu que regulamentava a moda masculina está aí a tal ponto integrado, goza de uma legitimidade coletiva tal, que ninguém pensa em recolocá-lo em causa; ele não dá nenhum gesto de protesto, a nenhuma tentativa verdadeira de derrubada. Só J.P. Gaultier aventurou-se a apresentar saias-calças para homem, mas antes golpe publicitário-provocador do que busca de uma moda masculina nova, a operação não teve nenhuma repercussão no vestuário real. Não podia ser diferente: o uso da saia por um homem aparece imediatamente como signo perverso, o efeito é inelutavelmente burlesco, paródico. O masculino está condenado a desempenhar indefinitivamente o masculino.

Afirmamos, por conseguinte, que os modismos emergentes de flexibilização da aparência masculina, que convergem para uma possível androgenia sexual, são tentativas momentâneas, e tênues, que acontecem aqui e acolá, podendo ser interpretados como parte de um gesto lúdico do sujeito, embora realmente não cheguem a constituir uma transgressão que opere mudanças profundas ou duradouras contra o poder instaurado e perpetuado na moda, que os obriga, novamente em conformidade ao pensamento de Barthes (2007) ao se referir a estrutura de algumas línguas, tal qual foi dito anteriormente, a escolher sempre o masculino ou o feminino, ao mesmo tempo em que os proíbe de fazer a opção pelo neutro, ambíguo ou complexo. Dito de outro modo, são insubordinações (mais ou menos expressivas) avessas ao código regulador das aparências físicas. Essas rebeliões, como prevê Barthes (2007:11), permanecerão continuamente fadadas ao fracasso, pois o poder coercitivo presente no discurso de moda, assim como ocorre na linguagem, prosseguirá ininterruptamente se manifestando e se reproduzindo até mesmo nos modismos mais abertos, sejam nos recém lançados ou nos que ainda estejam por vir, pois o poder quando:

“expulso, extenuado aqui, reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas. A razão dessa resistência e dessa ubiqüidade é que o poder é o parasita de um organismo transsocial, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica,

A razão de tamanha resistência desse poder regulador da moda permanece intimamente ligada, seguindo a lógica desse raciocínio anunciada por Barthes (2007) ao se referir à língua francesa, à proibição que rege o universo da moda masculina no

Ocidente e que associa culturalmente, há seis séculos de história, a saia à mulher” Lipovetsky (1991, orig. 1989: 133). Deixamos, então, falar o autor:

...Certamente, a aparência dos sexos, desde os anos de 1960, aproximou-se consideravelmente: além das adoções generalizada da calça feminina, os homens agora podem usar cabelos compridos, cores outrora proibidas, brinco. Mas esse movimento de convergência não abalou em nada a interdição de fundo que pesa sobre a moda masculina. A lógica não-igualitária em matéria de aparência permanece a regra; há reconhecimento social do boy look para as mulheres, mas os homens, salvo para afrontar o riso ou o desprezo, não podem adotar emblemas do feminino”.

Reforçamos as observações acima parafraseando Hall (2001, orig. 1992: 40). Ou seja, declarando que a “linguagem da moda é um sistema social e não individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus atores. Falar um idioma da moda não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais, significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais.

Considerando essas abordagens sociológica da moda mencionadas acima, questionamos, como já foi esclarecido por nós, se há, concretamente falando, elementos que possam aparecer como significantes de desvio na gramática dos sexos que regula as manifestações de moda. Mais exatamente, nos perguntamos se existe a possibilidade de desenvolver uma análise sobre as deliberadas tendências de homens e mulheres construírem voluntariamente seus corpos à luz dos preceitos da moda, no âmbito da cultura do corpo, que aqui ganham forma de expressão através da moda *body modification* enquanto movimento próprio das cidades. Isso porque, tal qual foi dito inicialmente, nela (*body modification*) tanto há presença de corpos plasticamente inusitados – somente existentes em nos filmes de ficção científica e em revistas em quadrinhos – que ganham formas concretas, quanto a castração/nulificação estão previstas, em seu discurso, como mais uma das manifestações possíveis dessa moda.

Tendo em vista tudo que foi exposto e dito ao longo do texto, podemos reafirmar resumidamente que nosso objetivo é desvendar os elementos estéticos que não somente evidenciam, no interior da linguagem da moda, a flexibilização de seu poder ao permitir/autorizar a incorporação de símbolos considerados outrora de insubordinação/contestação – no caso do *punk is fashion*, por exemplo – como também revelar as insígnias de insubordinação e até mesmo de resistência ao enquadramento do corpo dentro dos padrões estipulados pela na moda. Ou seja,

pretendemos saber em que medida essa nova dimensão estética presente/expressa e manifesta na cultura corporal da moda *body modification* enquanto uma movimentação urbana contemporânea pode ser também uma possibilidade sugerida pela própria moda. Isso porque, tal qual assinalam Deleuze e Guattari (1999), a função da linguagem tanto pode ser considerada princípio ordenador desse corpo, quanto elemento que proporciona condições para a sua desorganização. Sendo assim, a pretensão de nossas investigações é saber se a moda *body modification*, pode ser efetivamente vista e entendida como uma demonstração da tentativa de subverter do discurso da moda. Especificamente, se é um convite ao jogo em que os seus adeptos ora aparecem como caça, ora apresentam linhas de fuga ao poder regulador da moda, ora trapaceiam com a própria linguagem de moda.

Para finalizar, afirmamos que o estudo acerca dessas experiências vistas como radicais, cujo teor aponta para as novas possibilidades e dimensões estéticas que o corpo pode alcançar, e que, há pelo menos quatro décadas, têm povoado o cenário urbano de grandes metrópoles mundo afora, não pode ser visto apenas como uma análise de temas exóticos, vanguardistas ou sensacionalistas, nem tão pouco pode ser esvaziado em discursos que as associam a uma rebeldia juvenil que impulsiona os sujeitos a promoverem transformações profundas no corpo com o intuito de chocar a sociedade.

## Referências

BARTHES, R. **Sistema de Moda**. Lisboa: Edições 70, 1967.

\_\_\_\_\_. “A Semântica do objeto”. In: **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRAZ, C. A. **Além da pele: um olhar antropológico sobre a *body modification* em São Paulo**. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas – São Paulo. 2006.

COUTINHO, F. **O entrecruzamento de códigos culturais: jovens brasileiros face a códigos conflitantes permeados pela lógica da moda**. 2004. Dissertação. (Mestrado em Design) – Departamento de Artes & Design – PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, Vol 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

DURKHEIM, E. **As regras do fato social**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 19087.

EAGLETON, T. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_ **A Hermenêutica do Sujeito** . 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREYRE, G. **Modos de homem e modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LARRAT, S. “FAQ sobre bifurcação e alongamento da língua”. (Mais uma da serie “ se você precisar fazer isso, pelo menos leia isso aqui antes” dos nossos amigos do BMEzine.com). **BMEzine.com – Body Modification E-zine**. Disponível em: <<http://www.bmezine.com/traducao-tongue.text>> Versão de maio de 2003. Acesso em: 21 de junho de 2006.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, orig.1987.

MUSAFAR, F. “*About Fakir Musafar: father of the modern primitive movement*”. In: **Fakir Home Page**. <<http://www.fakir.org/aboutfakir/index.html>> Acesso em 18 de agosto de 2011.

OSÓRIO, A. A geografia corporal dos espaços abertos: reflexões sobre o corpo carioca. In: **Os urbanitas**: revista digital de antropologia urbana; Ano 2, v.1, n.2, fevereiro. 2005. Disponível em < <http://www.aguaforte.com/antropologia/>>. Acesso em: 23 de junho de 2006.

PHOLHEMUS, T. **Street Style**. Singapore: C. S. Graphics, 1995.

PORTINAR, D. “A última Fronteira: repensando o corpo na contemporaneidade”. In: **O corpo da moda a moda do corpo**. São Paulo: Esfera, 2002.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Ática, 1987.